



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HOMOSSEXUALIDADE E NOVOS SABERES: UM ENFOQUE SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA DE HOJE

Ana Lara Diniz Fontes¹ (1); Jocenilton Cesário da Costa² (1); Anderclébia Carlhandia de Aquino França¹ (2); Thainar da Silva Oliveira¹ (3); Byanca Eugênia Duarte Silva¹ (4); Amanda Thays Sarmento¹

¹Faculdade Santa Maria PB, analaradiniz@hotmail.com

²Bolsista supervisor do PIBID/IFPB – CAPES/FNDE/MEC

newton.costa.jp@hotmail.com

RESUMO

Sabe-se que a escola é uma entidade formadora de conhecimentos e opiniões, por isso, é de grande valia a discussão de assuntos relativos à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, orientação sexual, homossexualidade, preconceito e outros temas sejam abordados diante da diversidade humana social. Com base nessas pressuposições, o presente trabalho tem como objetivo discutir a relação da diversidade sexual com os novos saberes construídos dentro do ambiente escolar, verificando a(s) perspectiva(s) de gestores e como os professores abordam esses assuntos em suas práticas metodológicas. A pesquisa foi realizada com um gestor de uma Escola Pública do Estado do Rio Grande do Norte, utilizando como o instrumento uma entrevista estruturada com seis perguntas de cunho subjetivo. A discussão dos resultados foi realizada por meio de análise de conteúdo, relacionando o diálogo do gestor com aportes teóricos estudados sobre o tema. Diante da pesquisa desenvolvida, podemos verificar que no âmbito escolar pouco se vê discussões abertas e livres sobre a sexualidade e seus diversos aspectos, visto que alguns profissionais ainda não se veem preparados para lidar com alguns assuntos como, a diversidade sexual e de gênero, de forma coerente, a fim de partilhar e contribuir na dinâmica de novos saberes baseada na diversidade e na diferenças. Portanto vimos que a escola deve ser constituída de esclarecimentos que possam contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de tomar decisões benéficas e manter o respeito e postura assertiva.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Sexual, Homossexualidade, Novos Saberes, Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

A escola é uma das instituições onde se instalam mecanismos de interesses e dúvidas, mas explicitamente sobre a sexualidade. Por esse motivo, o presente trabalho tem como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

objetivo discutir a relação da diversidade sexual com os novos saberes construídos dentro do ambiente escolar, verificando a(s) perspectiva(s) de gestores e como os professores abordam esses assuntos em suas práticas metodológicas. Sabemos que a escola é uma grande formadora de conhecimentos e opiniões, diante disso, é de grande importância que assuntos como sexualidade doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, opção sexual, homossexualidade, preconceito e outros temas sejam abordados para que possam construir cidadãos respeitosos e críticos diante da diversidade humano-social.

A escola de hoje necessita, impreterivelmente, de práticas educativas que busquem incluir, de maneira didática, a dinâmica da diversidade existente nas mais variadas escolhas que o adolescente e o jovem fazem nos dias de hoje frente aos valores e ditames sociais. Para isso, é indispensável que o profissional esteja habituado e adequado para lidar com esse tipo de assunto, livre de qualquer pré-julgamento.

Foi dentro dessa perspectiva que nos propomos verificar se as instituições educacionais estão preparadas para receber o público LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e travestis) e como eles trabalham dentro da escola a diversidade sexual, visto que hoje é um tema que causa bastante polêmica e preconceitos por todo o mundo.

GÊNERO E SEXUALIDADE

Gênero e sexualidade são duas características marcantes e muitas vezes confundidas, o gênero, por exemplo, são definições estabelecidas pela sociedade como feminino para mulher e masculino para homem, ou seja, representações sociais divididas por grupos que tem o mesmo sexo e padrão. Outro exemplo bem evidente são as classificações entre os sexos, quando diz que as mulheres são destinadas a ficar em casa cuidando do lar e das crianças, e o homem é para trabalhar fora e sustentar toda família financeiramente. Essas diferenças de gênero refletem no surgimento de papéis estereotipados e na desigualdade de direitos.

Já a sexualidade refere-se à diferença biológica, órgãos genitais, e características físicas. Na sexualidade existe a presença da busca do prazer, que é a descoberta de sensações



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

através do toque, do cheiro e a relação sexual por outras pessoas do sexo oposto e/ou mesmo sexo com a finalidade de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo.

Para Eunice (1995) a noção de Identidade Subjetiva, como as Identidades de Gênero são construídas a partir de formação de conceitos/preconceitos imaginária e simbolicamente. É difícil trabalhar em nossa sociedade a educação sexual pelo que fato que existe valores grupais e sociais internalizados. Surgindo os papéis de gênero marcantes definidos a serem seguidos como feminino/masculino e deve ser constantemente obedecidos.

Para Freud a função sexual existia desde a primeira fase da vida, que é o nascimento, e não na adolescência como muitos imaginam. Desse modo,

O desenvolvimento da sexualidade para chegar a fase adulta seria longo e complexo e estaria associado não apenas à reprodução e sim a obtenção de prazer através da libido, denominada por ele energia sexual dos instintos que tinha como característica importante sua mobilidade, ou a facilidade de alternar entre varias partes do corpo conforme o desenvolvimento psicosexual. No campo do desejo sexual esta energia estaria vinculada a aspectos emocionais e psicológicos. (LEÔNICIO 2005, p. 5)

Leôncio (2005) ressalta que a teoria freudiana conceituava a sexualidade, seu campo de atuação e suas relações estabelecendo grande importância para as áreas genitais e o orgasmo. Buscando estudar o universo infantil para compreender o desenvolvimento da sexualidade Freud estabeleceu um modelo desenvolvimento da sexualidade infantil, que contrariava as ideias dominantes.

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

Atualmente, o tema sexualidade tem chamado atenção, principalmente nas escolas, devido os adolescentes serem protagonistas de um número cada vez mais crescente, quando se refere a entrarem na vida sexual ativa, como gravidez na adolescência, e não obstante, os adolescentes também são protagonistas de discriminações e preconceitos. Assim, essa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

discussão vem ganhando espaço nas pesquisas, a discriminação destes grupos minoritários e grande incidência de crimes homofóbicos.

Bortolini (2007) fala que em muitos casos a angústia de muitos educadores, que se sentem incomodados ou com dificuldades em lidar com a diversidade sexual, ao mesmo tempo em que demonstram um interesse grande em não desrespeitar ou agredir quem quer que seja, embora não saibam exatamente como fazer isso. É fundamental hoje que se ampliem, criem e estabeleçam políticas públicas voltadas para profissionais de educação que trabalhem para deslocar as discussões sobre homo/trans/travestilidade do senso comum.

É imprescindível aproximar o universo das travestis e transexuais da maioria dos educadores que o desconhecem completamente. É importante ampliar o debate mesmo sobre sexualidade, gênero, sexismo, enfim, uma série de questões mais amplas e que são fundamentais para a superação de um ambiente homofóbico na escola.

Sayão, (1995) alude a abordagem referentes à sexualidade adotada pela escola deve diferenciar-se da abordagem assistemática realizada pela família. Se por um lado, os pais exercem legitimamente o seu papel aos transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-los, opinar sobre o que está sendo apresentado.

Meira (2006) advoga que o profissional deve estar engajado com a construção de um processo educacional no qual haja a socialização do saber e da construção do pensamento crítico, de maneira que seja possível transformar o imediato em mediato, apreender a realidade em suas múltiplas determinações e entender a sociedade como um movimento de vir-a-ser. A educação sexual é de grande importância para quebrar ideias construídas, formando alunos conscientes sobre diversas temáticas e principalmente quando se trata de adolescentes.

Altmann (2001), afirma que a criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar. O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desta proposta. De acordo com os PCNs, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Por tanto cabe, à escola e não mais apenas à família desenvolver uma ação coerente, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes

Figueiró (2009), por outro lado, o ensino da sexualidade deve sempre abranger o respeito à diversidade, isto é, o respeito às pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), às prostitutas e às pessoas portadoras do vírus da AIDS.

O ensino da sexualidade em respeito a diversidade sexual, e portadoras de doenças, abre-nos a meditar sobre as atitudes preconceituosas que temos com o próximo, não somente com o público LGBT, mas também com negros, pobres, índios toda a população que é classificada como problema na nossa sociedade, diante disso:

As escolas devem assumir um compromisso claro com o desenvolvimento de projetos de orientação sexual já que elas não devem fugir de sua responsabilidade na construção de uma visão positiva de sexualidade como fonte de prazer e realização do ser humano. Se as escolas não tratarem da questão sexual estarão transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo tabu, sobre o qual não se pode falar de maneira séria e livre. (SUPLICY, 2000, p. 120).

Diante do colocado é necessário que as escolas construam uma visão positiva sobre a sexualidade, mostrando que, esse assunto é de grande relevância para os jovens, quebrando crenças e tabu e ajudando a construção de conhecimento.

Segundo Sarmiento e Ramos (2006), a discriminação objetiva prejudicar determinado grupo com ideias preconceituosas. É comum o comportamento discriminatório de alguns alunos para o grupo minoritário com atos de humilhação, brincadeiras preconceituosas, piadas, agressões físicas e verbais; frequentemente esses comportamentos partem de meninos, o que interfere negativamente no rendimento escolar dos que sofrem preconceito, levando-os até a evasão escolar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conforme Santos (2012), em sua maioria, o preconceito vem de uma má formulação conceitual dos indivíduos diante de reproduções de ideias que vem sendo construídas desde seu nascimento, prova disso, são as piadas sobre homossexualidade que atravessa gerações, evidenciando um pensamento alienado.

A homofobia persiste porque na maior parte das vezes os indivíduos não conhecem a respeito de sexualidade, onde já ficou provado que o homossexualismo não se trata de uma opção sexual e sim uma orientação sexual, ou seja, ninguém decide ser homossexual, mas, já “nasce assim”. (SANTOS, 2012, p. 03).

Nessa perspectiva notamos, que a homofobia se trata de um aspecto cultural, perpassado por gerações, através do conceito que homossexuais são anormais por fugirem da heteronormatividade imposta pela sociedade, por fugir desta ideia, o homossexual passa a ser um alvo de preconceito. Com isso, “é consenso há necessidade de discutir o tema nas escolas, pois a homofobia incita o ódio, a violência, a difamação, a injúria, a perseguição e a exclusão. Além de prejudicar a imagem das pessoas – alunos, professores ou servidores” (SARMENTO E RAMOS, 2006). Com isso, vemos a necessidade de programas para erradicar os atos preconceituosos e principalmente a homofobia, tanto no âmbito social quanto escolar. Assim a escola assume um papel fundamental na construção moral dos alunos diante do respeito a diversidade e orientação sexual de cada um.

Para Bourdieu (*Apud* Nogueira e Nogueira, 2002) a escola não só transmite e constrói conhecimento, como também reproduz padrões sociais, perpassa valores e “fabricando sujeitos”.

A partir de tantas discussões sobre a diversidade humana e diante da despreparação dos docentes em enfrentarem certas demandas, como lidar com o tema sexualidade dentro da sala de aula, seja esse despreparo vindo da formação quanto docente ou despreparo subjetivo, programas foram criados na perspectiva de conscientizar e auxiliar o debate sobre o tema.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A escola, assim é o espaço de modelação, um lugar importante para educar o respeito às diferenças. Por isso é importante formar professores e demais profissionais da educação básica para que saibam trabalhar com seu alunado sobre a diversidade e sua transversalidade.

HOMOSSEXUALIDADE E NOVOS SABERES: ANÁLISE DE ENTREVISTA COM GESTOR ESCOLAR

O questionário se propôs a pesquisar temas relativos à questão da sexualidade na escola, podendo verificar que ainda existem instituições que sente dificuldades em trabalhar com as diversidades sexuais. O primeiro questionamento realizado para o diretor foi em relação à percepção da escola dentro das diversidades de gêneros, tendo em vista que é um ambiente formador de opinião.

Diante esta pergunta o diretor pode-se esclarecer no seu diálogo que ainda é um grande desafio romper barreiras preconceituosas dentro da escola. Vejamos:

Pesquisadores: Dentre o misto papel formador da escola e da sociedade, o que você pensa sobre gênero e diversidade sexual na escola?

Gestor: Acredito que temos um grande desafio ainda para romper as barreiras do preconceito que estereotipou a mulher como sexo frágil e o homossexualismo como doença. Para adentrar mais no que penso a respeito da temática convido a fazer a leitura do artigo: “O desafio da escola em trabalhar com a diversidade” publicado pela Revista Memento, V 3, nº 1, 2012. [...] Além disso, afirmo que a escola enquanto instituição formadora de opinião e com o dever de formar o aluno para a cidadania não pode continuar propagando ideias e conceitos que alimentem o preconceito e a discriminação contra a pessoa humana.

Com essa colocação do gestor, infere-se que muitas vezes as pessoas criam estereótipos que a homossexualidade é uma doença, ele também trás a questão da escola alimentar o preconceito e discriminação da pessoa humana na qual isso não se pode acontecer dentro de uma instituição formadora de opiniões, relacionando com pesquisas realizadas sobre o tema Meira (2006) vêm trazer que a sexualidade na escola deve ser compreendida como um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

processo de socialização e que cabe aos profissionais construa um pensamento crítico, de maneira que seja possível transformar o imediato em mediato, apreender a realidade em suas múltiplas determinações e entender a sociedade como um movimento de vir-a-ser.

Bortolini (2007) fala sobre muitos dos educadores que sentem dificuldade em lidar com essa diversidade sexual, porém que ao mesmo tempo demonstram interesses em não desprezar os alunos que são homo afetivos, dentre esta afirmativa pode-se correferir com a resposta que o diretor trouxe em relação ao que seria indispensável na educação sexual frente à diversidade, e neste momento o profissional trouxe o respeito como algo indispensável, relacionei com Bortolini, pois o mesmo vem reforçar a questão do respeito, que os educadores mesmo tendo dificuldade em trabalhar com essas questões compreendem e se certificam em não agredir quem quer que seja.

Mesmo o diretor não trazendo pontos que possam melhorar na educação sexual, ele conseguiu trazer algo que deve ser indispensável, mas não tão somente primordial, pois além do respeito devem desenvolver alguns pontos que se pode trabalhar efetivamente na escola para a melhoria da educação frente essa heterogeneidade. E este ponto foi reforçado na pergunta seguinte.

Pesquisadores: Na sua escola, existe no currículo alguma disciplina que envolve a discussão da diversidade sexual? Se não, o que os professores utilizam com métodos de ensino que envolve essa temática?

Gestor: Biologia, sociologia e filosofia são disciplinas que abrem links para discutir essa temática. Por exemplo, o professor de biologia desenvolve o Projeto Vale Sonhar que trata da prevenção da gravidez na adolescência, mas os demais ainda possuem receio ou evitam debater temas polêmicos e delicados, temendo a imaturidade dos alunos.

Mostrando como a escola não tem métodos de ensino que possam promover a discussão das diferenças sexuais existentes, mesmo sendo uma instituição que possui alunos homo afetivos na qual lá estuda, o diretor relata que algumas disciplinas como biologia, sociologia e filosofia abrem discussão sobre o tema e logo em seguida diz que alguns



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

profissionais tem receio ou evitam debater sobre temas polêmicos, quando Suplicy (2000) diz que quando essas instituições passam a evitar temas ditos “polêmicos” eles estão transmitindo aos discentes a noção de que a diversidade sexual ainda é um tabu, sobre o qual não se pode falar de maneira seria e livre como a questão da gravidez na adolescência que o gestor trás como tema discursivo em sala de aula. Na verdade a escola não está apenas evitando por muitas vezes não aceitar que se trabalhe dentro dessa perspectiva de diferentes opções sexuais, e quando ele trás um tema da gravidez na adolescência como algo que se pode trabalhar, pois será mais prático já que é um assunto na qual a sociedade hoje classifica como aceitável, uma vez que está dentro do que ela trás como politicamente correto remetendo a uma sexualidade de heterossexual.

Em relação à homofobia dentro do contexto escolar, o gestor coloca que existem algumas discriminações no ensino fundamental, quando crianças utilizam palavras ou gestos que remetem ao preconceito sexual, porém em relação aos adolescentes, isto não acontece, visto que não estão tão alienados com os pensamentos de pais e avós, conforme citou Santos (2012), a questão da formação do individuo desde infância, quando os adultos tendem a construir ideias preconceituosas da homossexualidade e estas reproduções acabam passando para as crianças de maneira evidente, tornando-as indivíduos preconceituosos. Quando o diretor traz questão da adolescência não ser mais alienados, remente ao rompimento das reproduções dos adultos que nesta fase começa a ser quebrada para a formação e/ou construção das suas próprias percepções diante alguns tema, dentre eles a sexualidade. Segundo Sarmiento e Ramos (2006) são comuns comportamentos discriminatórios de alguns alunos para um grupo minoritário, atos como brincadeiras preconceituosas, piadas e agressões verbais. Como o diretor trouxe a respeito dos palavrões que alguns alunos utilizam demonstrando um preconceito sexual.

Com isso os autores veem-se necessários programas para cessar os atos preconceituosos e principalmente a homofobia, tanto no âmbito social quanto escolar. Assim, a escola assume um papel fundamental na construção moral dos alunos diante do respeito à diversidade e orientação sexual de cada um, mesmo o gestor trazendo em sua fala que dentro



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da escola não existe casos de homofobia, portando não está sendo um assunto que tem sido debatido por ainda não ter representado um incomodo dentro do ambiente escolar, se deve pensar e analisar em realizar discussões dessa proporção para justamente prevenir que um dia chegue acontecer dentro da escola um caso homo fóbico, pois para Bourdieu (citado em Nogueira e Nogueira, 2002) a escola não só transmite e constrói conhecimento, como também reproduz padrões sociais, perpassa valores e fabrica sujeitos.

CONCLUSÃO

Acreditando na perspectiva que cabe a escola o papel na formação de cidadãos críticos, devemos pensar que essa formação deve contemplar aspectos como possibilidades de conhecimentos e formação de opiniões que circundam a vida do indivíduo.

Sabemos que a adolescência é a fase das grandes descobertas, em que as decisões tomadas nessa fase irão fazer a diferença por toda vida. Esse fator nos remete pensar na particularidade de cada um, de suas escolhas e seus conceitos. Profissões, relacionamentos e outras decisões na vida de um indivíduo sempre são constituídas ou iniciadas na adolescência, período em que a escola desempenha um papel importante do mesmo.

No que se refere à sexualidade, a escola deve manter uma postura que venha dar suporte em todos os aspectos, tendo em vista a diversidade de temas e as diferentes formas de interpretação referente a cada aluno e servidor inserido naquele ambiente.

É necessário que a escola assuma de forma transversal e interdisciplinar a qualidade de promover conhecimentos a cerca da sexualidade humana, desmitificando e orientado os adolescentes sobre assuntos que geram preconceitos e discriminação.

Através do levantamento bibliográfico, pode-se observar que a escola ainda não se encontra preparada para lidar com a diversidade sexual, tendo em vista que não há uma disciplina específica que venha abordar esses temas, e os mesmos nem sempre são trabalhados, ficando esquecido por falta de habilidades, conhecimento e interesse de alguns profissionais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De acordo com o trabalho ora desenvolvido, vemos através da experiência em campo que muitos são os impedimentos para a implantação dessa cultura que viabiliza a interação de assunto referente a sexualidade dentro da escola. Durante a entrevista realizada com o gestor, fora ressaltada a condição de que por mais que o mesmo estivesse pronto, aberto para lidar com esses temas direcionados a diversidade sexual, por outro lado havia profissionais no mesmo ambiente que não se sentiam a vontade para trabalhar esses aspectos, algumas vezes motivados por tabus, falta de oportunidade e outros por falta de conhecimentos e informação.

Diante da necessidade e demanda a escola assumi a postura de transmitir informações sobre a diversidade sexual, orientação sexual e assuntos como gravidez na adolescência, crescimento de casos de HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis são temas que estão intrinsicamente ligados e pulsantes nesse público escolar e a escola seria um espaço extremamente adequado para o desenvolvimento desses conhecimentos e informações.

Dessa forma entendemos a grande importância e necessidade da inteiração de temas direcionados à diversidade sexual e a sexualidade na adolescência. Considerando a adolescência a fase das descobertas na vida de um indivíduo e que a mesma deve ser constituída de esclarecimentos que possam contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de tomar decisões benéficas e manter o respeito e postura assertiva diante dos fatos e decisões que influenciarão sua vida.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Revista: Estudos Feministas**, 2001.

BORTOLINI, Alexandre. UFRJ. Colaboradores: Luan Carpes Barros Cassal e Regina Bortolini. **Diversidade Sexual na Escola**, 2007. Disponível em : http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/diversidade_sexual_na_escola.pdf

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: 2004.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

EUNICE, Maria Figueiredo Guedes. Gênero o que é isso: **Psicol. cienc. prof.** vol.15 no.1-3 Brasília 1995

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico . **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum, Londrina : Univeridade Estadual de Londrina, 2009.

LEÔNCIO, Joana Maria Macedo. A EDUCAÇÃO/ORIENTAÇÃO SEXUALNA ESCOLA: Ideias, concepções e inovações/manutenção de valores nas práticas docentes. Departamento de Ciências Humanas do Campus IV – Jacobina - Universidade do Estado da Bahia

MEIRA, M. E. M., Queiroz, A. B., OLIVEIRA, I. A., Moraes, R. Q., & OLIVEIRA, T. H. (2006). Psicologia Escolar, desenvolvimento humano e sexualidade: projetos de orientação sexual em instituições educacionais. *Revista Ciência em Extensão*, 2(2), 21.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu**: Limites e Contribuições. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n o 78, Abril/2002.

PEREIRA, M. E. e ROHDEN, F. (org.) [et al]. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Brasília/Rio de Janeiro: SPM/CEPESC, 2007.

SANTOS, V. **Homossexualidade no Ambiente Escolar**. *Revista Eletrônica: LEMPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL*. Edição N°. 2, Vol. 1, jul-dez. 2012.

SARMENTO, J. B. C. RAMOS, K. L. de S. _____. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2006.

SAYÃO, R. **Sexo**: prazer em conhecê-lo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

SUPLICY, Marta. et al. **Sexo se aprende na escola**. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.